

RIO

COMENTAR

COMPARTILHAR

BUSCAR

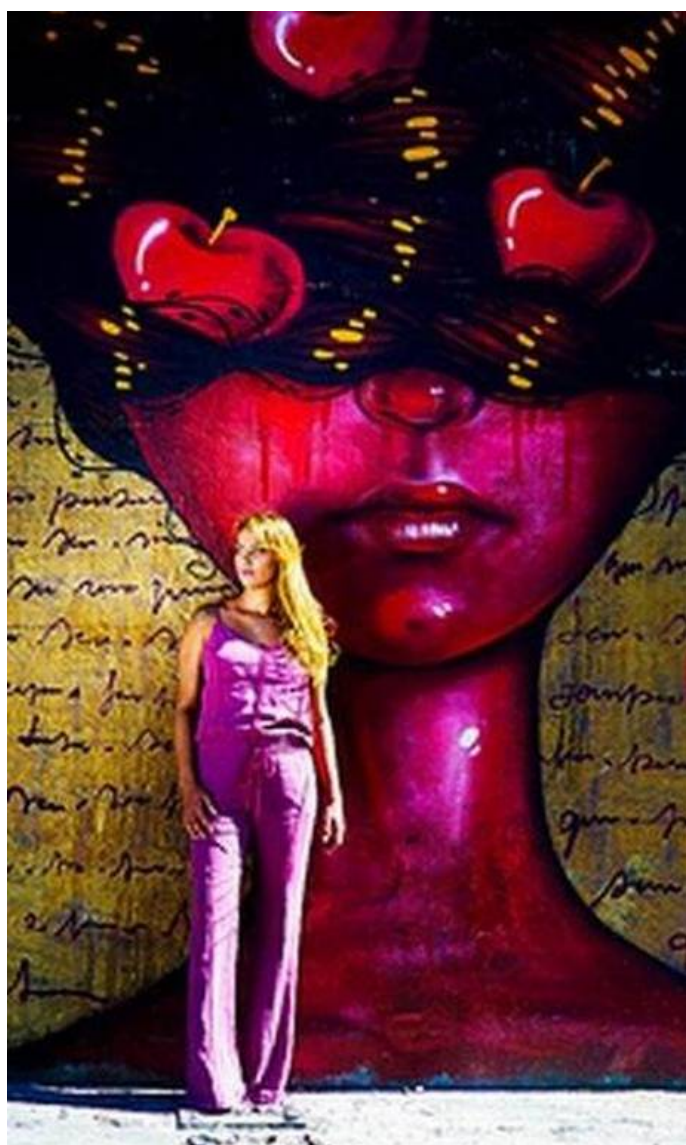
PUBLICIDADE

Carioca quebra tabu e pinta painel na escola de arte Barnard College, em Nova York

Panmela Castro, de 33 anos, fez grafite no sexto andar da instituição, que proibía manifestações artísticas em suas paredes

POR **RENAN FRANÇA**

25/04/2015 6:00 / ATUALIZADO 25/04/2015 9:00



RIO — Fundada em 1889 em Nova York, a tradicional escola de arte Barnard College, restrita a mulheres, nunca havia permitido manifestações artísticas em suas paredes. Coube a uma carioca quebrar esse tabu. A autora da façanha é Panmela Castro, de 33 anos, que fez um grafite no sexto andar da instituição. O lugar é especial. Era ali, por exemplo, que a coreógrafa Twyla Tharp, um dos maiores nomes da dança contemporânea, e

PUBLICIDADE

III FÓRUM INTERNACIONAL ABA DE BRANDING

DIA 6 DE MAIO

Conheça a programação completa no site www.aba.com.br

Educação: **ESPM** | Promoção: **GLOBO** **INFOGLOBO** **SP360** | Realização: **ABR** **ABR** | Apoio Especial: **50 ANOS**

Patrocínio Master: **TIM** **FURNAS**

a atriz Lauren Graham (das séries de TV “Gilmore girls” e “Parenthood”) costumavam passar o tempo livre entre as aulas.

— Ser convidada a fazer uma obra em um lugar tão representativo para a arte, que nunca havia permitido sequer a colagem de um cartaz, é como receber um prêmio. Barnard College viu na minha pintura uma forma de expressão que defende o direito da mulher, e que serve como inspiração para as alunas — disse Panmela, em entrevista por telefone de Nova York.

Nascida na Penha, ela é hoje um dos nomes mais representativos no cenário do grafite mundial, e usa sua arte como meio de chamar atenção para a desigualdade entre os gêneros. Formada pela Escola de Belas Artes da UFRJ, Panmela fundou a ONG Rede Nami, que realiza oficinas de grafite para mulheres nas favelas, e tem mais de cem obras em sete países. Entre os vários prêmios conquistados estão o Hutúz, em 2010, como “grafiteira da década”, e o DVF Awards, em 2012, idealizado pela estilista Diane Von Furstenberg.

Seus primeiros trabalhos, aos 18 anos, foram feitos nos muros das casas de seus vizinhos, na Penha. Casou-se aos 23 e logo depois começou a ser agredida pelo marido, que chegou a mantê-la em cárcere privado. Ao se separar, Panmela decidiu usar o grafite para se recuperar de uma depressão e lutar pelos direitos das mulheres:

— Eu era tão ingênua que achava que apanhar do marido era algo normal. Como fazia grafite, notei que tinha uma ótima ferramenta para me expressar e chamar atenção para a dificuldade de ser mulher.

Artista convidada da Pop International Galleries, uma tradicional galeria de arte de Nova York, ela expôs oito obras, que foram vendidas por US\$ 7 mil no dia da abertura do evento. No Rio, quem quiser conhecer de perto um dos trabalhos da artista pode ir à Rua do Lavradio. Um painel de 336 metros quadrados, inaugurado em 8 de março, Dia Internacional da Mulher, foi pintado numa das paredes do Rio Scenarium, em frente à Delegacia de Atendimento à Mulher.